



Especialização em
ARTES E
TECNOLOGIA

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Unidade Acadêmica de Educação
a Distância e Tecnologia

PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO INTERDISCIPLINAR DE
ARTES: RELATOS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

LAIS APARECIDA MARTINS TENÓRIO

Gravatá

2023

LAIS APARECIDA MARTINS TENORIO

PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO INTERDISCIPLINAR DE ARTES:
RELATOS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Monografia apresentada junto à
Unidade de Educação a Distância e
Tecnologia – EADTec/UFRPE como
requisito parcial para conclusão do
curso de Especialização em Artes e
Tecnologia.

Orientador: Charles R. Leite da Silva

Gravatá

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T312p Tenorio , Lais Aparecida Martins
PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO INTERDISCIPLINAR DE ARTES: RELATOS DE UMA PRÁTICA
PEDAGÓGICA / Lais Aparecida Martins Tenorio . - 2023.
24 f. : il.

Orientador: Charles Ricardo Leite da .
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, ,
Recife, 2023.

1. Artes. 2. Educação. 3. Interdisciplinaridade. I. , Charles Ricardo Leite da, orient. II. Título

CDD

FOLHA DE APROVAÇÃO

Lais Aparecida Martins Tenorio

PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO INTERDISCIPLINAR DE ARTES: RELATOS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Especialização em Artes e Tecnologia.

Aprovada em 23/10/2023 (data da apresentação)

Banca Examinadora:

Charles Ricardo Leite da Silva (UFRPE)

Presidente e Orientador

Amália Maria de Queiroz Rolim (UFRPE)

Examinadora interna

Elizabeth Cristina Rosendo Tomé da Silva (UESB)

Examinadora externa

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender as contribuições do ensino interdisciplinar de Artes, assim como refletir os possíveis diálogos que resultam no ensino de Artes. O referencial teórico contemplou discussões acerca de que existem inúmeras possibilidades de incluir as tecnologias em aula, mas para haver aprendizagem significativa é necessário um direcionamento objetivo por parte dos docentes, direcionando para que os alunos assimilem a metodologia da aula e os conteúdos a serem alcançados. Os procedimentos metodológicos adotados consistiram em estabelecer um paralelo entre investigação e avaliação proposta neste estudo, sendo dividido por etapas: a primeira foi analisar bases teóricas relacionado com o tema, em seguida reflexão do conhecimento e a realidade, em seguida colocamos em prática toda teoria vista. Os dados obtidos indicam a importância do indivíduo na formação de sua reflexão pessoal, rompendo com o papel do ensino tradicional de Artes, onde os docentes são os únicos detentores do saber. Buscamos outra dimensão do pensamento que possa identificar os pontos que convergem e divergem, trazer à tona o que está por trás de cada discurso, método ou teoria, de modo a conhecer melhor cada um dos campos para saber como entendê-los e articulá-los com no atual contexto social e tecnológico.

Palavras-chave: Artes; Educação; Interdisciplinariedade.

ABSTRACT

This research aims to understand the links between Arts and Science, in addition to reflecting on the possible dialogues that result in the teaching of Arts. The theoretical framework included discussions about the fact that there are countless possibilities to include technologies in the classroom, but in order to have meaningful learning, teachers need to plan better classes, directing students to assimilate the methodology of the class and the objectives to be addressed. achieved. The adopted methodological procedures consisted of establishing a parallel between investigation and evaluation proposed in this study, being divided by stages: the first was to know the methodological theoretical framework related to the theme, then reflection of knowledge and reality, then construction of a discussion critical and reflective. The data obtained indicate the importance of the individual in the formation of his personal reflection, breaking with the role of traditional teaching of Arts, where teachers are the only holders of knowledge. In bringing Science and the Arts together, it is important to know each field and, from then on, seek another dimension of thought that can identify the points that converge and diverge, bring to light what is behind each discourse, method or theory, in order to better understand each of the fields to know how to understand and articulate them in the current social and technological context.

Keywords: Arts; Technology; Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. UM BREVE REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DAS ARTES E DAS CIÊNCIAS	8
3. O ENSINO DE ARTES COMO EMANCIPAÇÃO	12
4 EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA	14
5. CONCLUSÃO	18
REFERÊNCIAS	20

1. INTRODUÇÃO

Uma prática educativa interdisciplinar consiste na iniciativa de incitar o diálogo com outras formas de conhecimentos que não estamos habituados, por isso exigem do educador autoconhecimento, humildade, coerência, expectativa e audácia (Fazenda, 1994). Um professor ou professora atualizada precisam estar sintonizados com esses valores, mesmo que os mesmos não estejam socialmente disseminados.

Sobre as possibilidades de articulação de saberes no cotidiano escolar, Carvalho aponta que:

Em vista disso, torna-se, então, essencial conhecermos cada área ou campo de conhecimento e, a partir daí, buscarmos outra dimensão do pensamento, que possa identificar os pontos de convergências e divergências, abordar o que está por trás de cada discurso, método ou teoria, de modo a conhecer melhor cada um dos campos para saber como entendê-los e articulá-los com o novo cenário tecnológico (Carvalho, 2009, p. 1).

O propósito geral deste estudo é Compreender as contribuições do ensino interdisciplinar de Artes , além de refletir sobre como estas relações implicam na qualidade do ensino-aprendizagem de Artes.

Os objetivos específicos são:

1. Reconhecer a evolução histórica das Artes enquanto área de saber;
2. Transformar a proposta pedagógica de conteúdos de Artes, que favoreçam uma aprendizagem significativa.

Nesta direção, para compreensão sobre a evolução histórica das Artes, enquanto área de saber esta investigação contempla uma pesquisa bibliográfica. Já para atender o outro objetivo específico, que visa a transformação pedagógica de conteúdos de Artes, que favoreçam uma aprendizagem significativa, montou-se um procedimento, em que fizemos registros etnográficos para ulterior reflexão.

Os resultados mostram que o ensino de Artes é um desafio a ser enfrentado continuamente por professoras e professores, pois há problemas decorrentes estruturais em algumas escolas, seja pela escassez de recursos materiais e/ou humanos, pelas mudanças e atualizações, determinadas por legislações e determinações, que incidem na experiência dos profissionais nas escolas, que são reais e podem afetar as dinâmicas em sala de aula.

Contudo, um instrumento que podemos utilizar como forma de inovar e trazer a ludicidade para as aulas, são as tecnologias, a escola não pode deixar de se beneficiar com tal recurso, em favor do processo de aprendizagem, oferecendo mais possibilidades de disseminação do conhecimento e elaborando um novo conceito sobre o ensino de Artes. Já declara Polate (2018), que se deve (re)pensar o digital em rede na prática pedagógica, de forma a se refletir sobre seu papel mediador nos processos educacionais. Destarte, é importante considerar as dimensões socioculturais e habilidades desenvolvidas no seu processo, pois as tecnologias perpassam todas as formações sociais e condições materiais de vida.

Esse trabalho de conclusão de curso está estruturado nas seguintes partes, na primeira seção abordamos a trajetória das artes e das ciências, relacionando a ligação de ambas. Na segunda seção tratamos do ensino de artes como emancipação, quais contribuições e aspectos para formação de cidadãos críticos e ativos, na última seção relatamos a experiência pedagógica o momento onde tivemos a oportunidade de compreender na prática toda teoria vista.

2. BREVE REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DAS ARTES

Ao analisar as leis e concepções de ensino de artes no Brasil e em diferentes momentos históricos, desde o modelo de ensino caracterizado pela ação evangelizadora dos jesuítas, juntando-se as ideias artísticas e pedagógicas do século XX, até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB 9.394/96. Nessa relação histórica mapeamos os aspectos que influenciaram no método de ensino de artes atual. Para entendermos a trajetória, o ensino de artes iniciou-se com os jesuítas com o objetivo de evangelizar. Para chamar atenção dos homens livres e que não realizavam o trabalho intelectual, usavam métodos que agradassem os sentidos como, a dramatização, música e poesia, conforme Mignone (1980), Ocorrendo uma junção da cultura europeia com a católica no repasse de conhecimento com mais foco na literatura do que na liberdade artística. Existindo uma desconsideração das pinturas, ritmos e sons.

Na segunda metade do século XX, os alunos realizavam as atividades artísticas sem ter os objetivos das práticas ali realizadas, então para ajudar os alunos os professores passaram a usar livros didáticos da Educação Artística para que eles tivessem um melhor aproveitamento nas atividades oferecidas (Oliveira, 2015).

Biasoli (1999) explica que, no Brasil, a partir de 1920, a concepção modernista foi concebida a partir das influências da psicologia experimental, que via a Arte como reflexo de processos mentais internos, e da Semana da Arte Moderna, que concebia a Arte como livre-expressão.

Segundo Lavelberg (1993, p.11) entre 1930 e 1970 eram enfatizados como ensino de arte: desenho decorativo (faixas, letras, ornatos); desenho geométrico (morfologia e estudo das construções geométricas); desenho do natural (observação, representação e cópia de objetos) e desenho pedagógico (nas escolas normais usavam-se esquemas de construção de desenho para ilustrar as aulas, como bonecos-palito por exemplo. Por volta da década de 60 instituiu-se a tendência tecnicista na educação brasileira em razão do modelo socioeconômico que se instalava no Brasil. Senso vista assim a importância da arte no campo de comunicação e expressão, pois apesar dos obstáculos encontrados, existia a preocupação por parte dos professores em propor uma prática artística significativa com conteúdos próprios de cada aula.

A perspectiva do ensino de artes no Brasil desde o início foi marcada por muitas críticas. Existindo um pensamento das Artes ser um ócio criativo. Na visão modernista, o aluno possui autonomia para encontrar seus próprios modelos com base na sua aprendizagem. Desse modo, a arte não poderia ser ensinada, cabendo ao docente o papel de mediador e organizador de metodologias que facilitassem aos estudantes exibirem seu potencial artístico.

A Lei nº 9.394/96, que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Brasil, 1996), ao definir a obrigatoriedade do “ensino de arte” em lugar de “educação artística”, revela o resultado de debates das últimas décadas, quanto à especificidade de cada área: música, teatro, artes visuais e dança.

Entretanto, somente em 1971, a Lei nº 5.692 (Brasil, 1971) incluiu a Arte no currículo escolar com o título de Educação Artística, sob a seguinte redação: “Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física,

Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus [...]”.Embora fosse um avanço, era considerada apenas uma atividade educativa e não uma disciplina ou eixo curricular, mas representou algo importante quanto à formação dos indivíduos, sustentada pelos aspectos legais e fazem surgir novas questões, que fizeram com que os professores de desenho, música, trabalhos manuais, canto coral e artes aplicadas compreendessem que seus conhecimentos específicos deveriam ser saberes de transformação nas atividades artísticas já que a Educação Artística, conforme explicada pelo Conselho Federal de Educação “não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses”(FUSARI; FERRAZ, 2001).

Cabe-nos refletir sobre a “obrigatoriedade” do ensino de Artes, instituída pela Lei n. 5.692/71, no contexto autoritário do golpe militar no Brasil:

A arte, uma área historicamente ligada ao exercício da liberdade e da expressão criadora, deveria manter-se sob controle, tornar-se um instrumento a favor da conservação e dos objetivos desenvolvimentistas apregoados pela ditadura militar. Evidentemente, a obrigatoriedade da educação artística veio revestida de um discurso centrado no desenvolvimento individual dos educandos, embasada num caráter técnico científico e com um planejamento rigoroso que escamoteia a crítica e a contradição (Subtil, 2012, p. 127).

Neste contexto, Forquin (1992) cita a importância de obter informações sobre a seleção cultural feita pela escola, identificando o que é privilegiado para ser ensinado num determinado tempo histórico, buscando pistas para analisar as complexas relações entre escola e sociedade, do ponto de vista interno. Dessa maneira, através da reflexão de Forquin, percebemos como as escolas tanto refletem como refratam as definições da sociedade acerca da validade de certos conhecimentos culturais.

Em meio isso, conforme sugerido nas metas educacionais do Ministério da Educação, estas devem convergir às ações políticas orientadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que datam da década de 1990 e compõem caminhos e orientações, conteúdos e critérios de avaliar as possibilidades de ensino, que vieram para somar no ensino de Educação Artística (Brasil, 2001).

O processo de aprendizagem é um reflexo da sociedade, do viés político, histórico e cultural em que está inserido, sendo reformulado de acordo com os

interesses da coletividade (Silva-Batista; Moraes, 2019). No Brasil, diversas mudanças no ensino de Ciências são observadas ao longo do tempo, sempre influenciadas pelas demandas políticas e sociais (Ibidem).

Durante os primeiros séculos após o descobrimento, a educação no Brasil era controlada pelos jesuítas, tendo como enfoque a alfabetização e a catequização. Nesse período, o ensino de Ciências era incipiente (Mendes et al., 2016, p. 55). Os conteúdos eram publicados em alguns jornais e revistas da época para que a população tivesse acesso (Schwartzman, 2000, p. 161); em 1837, o conteúdo de Ciências foi incluído no currículo do ensino secundário (atual 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental) do Colégio Pedro II, que provavelmente seguia a pedagogia tradicionalista (Bueno et al., 2012, p. 441-442).

Em 1946, pelo Decreto Federal nº 9.355, foi instaurado o Instituto Brasileiro de Educação, Ciências e Cultura (IBECC) na Universidade de São Paulo; sua função foi tornar o ensino de Ciências mais prático e atualizar os conteúdos dos livros-texto de Ciências (Lorez, 2008, p. 15). Contudo, apenas durante a década de 1950 o ensino de Ciências se solidificou no Brasil (Mendes et al., 2016, p. 56), mas a disciplina ainda era ministrada de forma expositiva, com livros didáticos desatualizados, baseados em textos europeus e sem muita utilização de atividades práticas (Krasilchik, 1988, p. 168; Lorez, 2008, p. 15).

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases, em 1961 (Lei nº 4.024), as aulas de Ciências passaram a ser ministradas obrigatoriamente nas duas últimas séries dos atuais 8º e 9º anos do Ensino Fundamental (Brasil, 1997, p. 19) e aumentada substancialmente a quantidade de horas no atual Ensino Médio (Krasilchik, 2000, p. 86).

Nesse período, o ensino ainda era marcado pela visão tradicionalista, na qual um grande volume de conteúdo era transmitido em aulas expositivas; o conhecimento científico era tomado como verdade absoluta e as avaliações se baseiam nos questionários apresentados no livro-texto (Brasil, 1997, p. 19). Nesses documentos consta a necessidade de promover as Ciências no ensino básico (Brasil, 2013; 2014; 2018).

Contudo, analisando a trajetória do ensino de Artes, percebe-se que a mesma por um período de tempo foi considerada um luxo, e por outro ponto de vista eram consideradas como vulneráveis. Luxo por não contemplar todos os

estudantes, e vulneráveis pois carecem de proteção e norteamento, existindo, também, uma tentativa de esvaziar o ensino dessa área do seu teor crítico e reflexivo.

De acordo com Barbosa (2015), as Artes são um tipo de conhecimento humano no qual é possível expressar/denunciar de forma criativa os males da sociedade. Desse modo, a disciplina é uma ciência emancipatória, que oferece ao aluno se mediada da maneira correta pelo docente, a possibilidade de tornar um cidadão reflexivo e ativo na sociedade, além das diversas contribuições psicomotoras desenvolvidas.

3. O ENSINO DE ARTES COMO EMANCIPAÇÃO

Por um longo período, o ensino de Artes não estimulava a criatividade dos alunos (Oliveira, 2008), utilizando de atividades repetitivas, trazendo pontos negativos para o aprendizado e desvalorização para o processo de ensino /aprendizagem. O aluno não tinha autonomia, ou seja, não tinha criatividade apenas reproduzia o que era lhes solicitado. Segundo Pimentel (2011, p.769), o ensino de artes não pode se abster somente da reprodução de conteúdos, é preciso mediar o conhecimento incentivando indivíduos ativos e críticos.

Portanto, ressaltando que o currículo e a cultura são práticas de relações sociais e, embora submetidos a normatizações e regulamentos, e que a Arte passa a ser um espaço de produção e criação de significados e de relações sociais, dessa forma torna-se uma luta constante para que realmente ela permaneça como área do conhecimento. A autonomia da disciplina de Artes, em relação aos demais componentes da área de Linguagens, se dá pelas questões complexas com que as Artes lidam, não só na nomenclatura, mas principalmente na sua composição em modalidades que, embora tenham princípios comuns.

A medida que analisamos as propostas presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é responsável pela organização das aprendizagens essenciais para a educação básica, e nesse caso, direcionadas para o componente Arte, notamos que:

O componente curricular contribui [...] para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito

às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas. (BRASIL, 2018, p. 189).

Desse modo, a Arte possibilita aos discentes conhecer tanto a sua cultura quanto culturas diferentes, aprendendo sobre suas pluralidades e peculiaridades, incentivando o respeito e a empatia. Ademais, ao trabalhar a criticidade há uma aprendizagem além dos muros da escola, uma preparação para a convivência em sociedade. Os alunos passam a compreender diversos aspectos dentro do meio social em que estão inseridos, desenvolvendo um olhar crítico, capaz de solucionar situações-problemas, questionar e se expressar.

Defendemos a democratização da Arte como um saber, que ao produzir pensamento divergente, possibilita o ser humano ir além das convenções preestabelecidas pelos poderes, rompendo com a repetição, a homogeneidade e o individualismo, pois a Arte cria as condições de pensar e resolver problemas com imaginação, fugindo da mera racionalidade [...] (Carta de Garanhuns, 2015 *apud* Azevedo, 2019, p. 122).

Nessa direção, mediar o aluno à compreensão da arte e desenvolver com ele a habilidade artística é papel e responsabilidade da escola e do docente. Não devemos ignorar o potencial criativo e imaginativo da criança que acaba sendo limitado pelas regras de uma educação voltada para o depósito de conteúdo.

Mas, para que possamos evoluir para uma nova possibilidade de ensino e aprendizagem, a escola juntamente com os professores precisam compreender que a disciplina de Artes, não pode ser interpretada como desenhos ou pinturas descontextualizadas. É importante que se entenda que Arte vai além de meros desenhos e reproduções em sala de aula. Arte é o cinema, o teatro, a música, a dança, o jogo, a pintura, a escultura, o desenho, a gravura, a instalação e muito mais. O estudante não se desenvolve completamente como sujeito só recebendo informações sobre Arte, eles precisam sentir e viver na prática.

É de grande importância que essa integração, ocorra desde a educação infantil, pois, nessa etapa de ensino, “a partir do ensino de Arte, é possível entender a criança e conscientizá-la de que pode ser ouvida, contribuindo fortemente para facilitação da expressão de emoções e sentimentos” (Costa, 2006; Silva et al., 2010 *apud* Pedrosa; Dietz, 2020, p. 106).

Mesmo com os documentos oficiais objetivando um ensino de Artes que busca

a formação integral do sujeito, e conseqüentemente sua emancipação, a liberdade de se expressar se mostra como um dos principais objetivos na prática. A falta de contato com os elementos que as Artes proporcionam acabam gerando uma ausência na formação do sujeito, que se torna cada vez mais passivo dentro da sociedade. A busca por formar e emancipar o sujeito deveria ser um dos objetivos traçados no planejamento docente, dentro não apenas da escola, mas do contexto social como um todo, pois a vida não se limita apenas ao espaço escolar.

4 EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Essa pesquisa possui o objetivo de compreender na prática o referencial teórico abordado no decorrer do estudo. Buscou-se integrar o ensino de artes como aspecto que favorece o desenvolvimento educacional, cognitivo, motor e socioemocional dos discentes. A prática educativa foi pautada na abordagem triangular, método de ensino criado por Ana Mae Barbosa regido por três eixos sendo, conhecer a história, o próprio fazer artístico, e saber apreciar uma obra de arte. Essa abordagem tem como objetivo a melhoria do ensino e o incentivo a criticidade do aluno.

O processo pedagógico aconteceu na escola Irmã Judith Ferreira Leite localizada no município de Gravatá- PE, em uma turma do segundo ano, fundamental I, na qual os alunos possuem uma faixa etária entre sete a nove anos de idade.

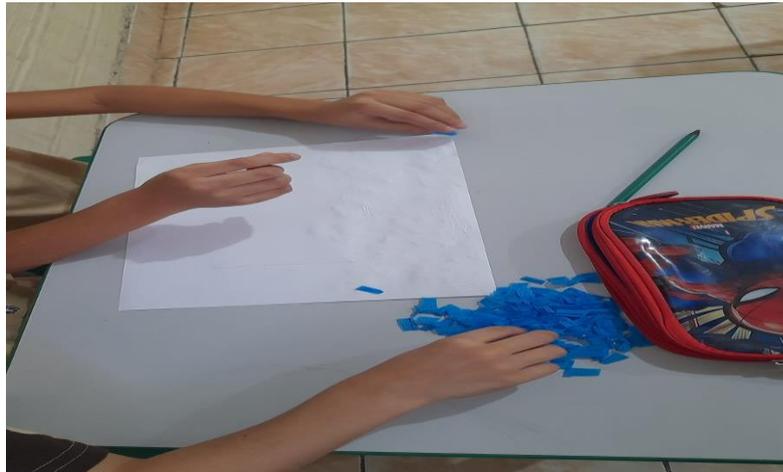
Figura 1: Recorte do papel.



Fonte: de autoria própria (2023)

A primeira atividade realizada foi a construção do mosaico, formando determinado desenho de modo criativo. Adaptamos a atividade aos recursos disponibilizados na escola, e realizamos com papel crepom azul e laranja. Para confecção do mosaico, os alunos precisaram de concentração e criatividade, a primeira etapa foi a contextualização com música “ Se eu fosse um peixinho...” com a música os alunos a noção de ritmo e reconhecimento do próprio nome, em seguida foi o momento de leitura das imagens relacionadas aos animais marinhos, e por fim o momento do fazer artístico, o momento de exercitar a criatividade e a imaginação (Figura 1).

Figura 2: Montagem do mosaico.



Fonte: De autoria própria (2023)

Já os discentes, por sua vez, foram montando outras imagens (Figura 2)

Figura 3: Mosaico confeccionado.



Fonte: De autoria própria (2023)

E, por consequência, logo foram surgindo novas imagens (Figura 3) .

A atividade desenvolvida pode ser uma forma de desenvolver as habilidades motoras ao recortar o papel e a noção de espaço ao ir colando. Além de habilidades socioemocionais, como seguir os comandos da professora, a

interação com os colegas e a paciência para seguir o passo a passo, mostrado nas figuras.

Outras atividades desenvolvidas foram a técnica de frotagem e a utilização do aplicativo Stop Motion, a técnica de frotagem consiste captar a textura de objetos que tenham relevo (Figura 4), basta colocar a folha sobre o item que deseja realizar e friccionar o giz de cera. Com essa atividade conseguimos desenvolver no aluno a criatividade, autonomia e o coordenação motora.

Figura 4



Fonte: De autoria própria (2023)

Figura 5



Fonte: De autoria própria (2023)

Na figura 5 desenvolvemos uma atividade no ensino fundamental II, a criação de animação fazendo uso do aplicativo Stop Motion, foram apresentadas aos alunos as ferramentas de uso e cada um a partir disso sem tema específico cada aluno construiria

o seu de modo criativo, o stop motion é uma maneira de modernizar as aulas e a forma de desenvolver o conhecimento para as salas de aulas, funcionando como multiletramento, onde a leitura se dá pela linguagem visual através das imagens em movimento, gestos e áudio.

Sendo assim, com a experiência pedagógica obtemos resultados como aprimoramento da coordenação motora, da lateralidade, estimulou-se a interação e empatia entre os alunos e ademais desenvolveu fatores cognitivos, como atenção, autonomia, raciocínio lógico e a criatividade. Artes visuais trabalham auxiliando no comportamento humano, alterando e até mesmo interferindo nas convicções de tempo, espaço e lugar onde a Arte e a imagem são foco do campo visual em que trajetórias e histórias que desafiam e instigam, confrontando-nos com interesses educacionais, políticos, afetivos e econômicos que demarcam as diferenças sociais e culturais, auxiliando no desenvolvimento dos indivíduos. (Josane Laura Machado De Camargo,2018)

Para verificarmos se o processo de desenvolvimento das aulas estava sendo efetivado, adotamos diferentes instrumentos de avaliação, como averiguar se os objetivos foram alcançados, mudar a metodologia de ensino quando necessário e acompanhamento de acordo com a natureza das ações que estavam sendo realizadas. A avaliação foi contínua de modo que em algumas etapas da atividade precisamos fazer adaptações, pois tínhamos alunos que possuíam dificuldade na coordenação motora, assim adaptamos para o aluno antes de pegar a tesoura ele iria rasgar, amassar e realizar o movimento de pinça com a mão, para que desse modo pudéssemos ampliar e ensinar o modo correto de segurar a tesoura. Assim, a eficácia do ensino de artes valoriza o desenvolvimento cognitivo do aluno como um todo, facilitando a aprendizagem ao mesmo tempo que proporciona ao docente um papel de mediador de ensino e provocador de aprendizagens.

5. CONCLUSÃO

Diante do contínuo processo de pesquisa em correlacionar e analisar Artes e Ciências, enfatizando que o currículo e a cultura são praticas sociais, submetidas a normatizações e regulamentos, dessa forma torna-se uma luta

constante para que realmente ela permaneça como área do conhecimento.

Sabemos que a Arte e a Ciência são abordagens diferentes, mas isso não muda o fato de uma visão objetiva e significativa do conhecimento, quais as semelhanças que as aproximam e de que modo Arte/Ciência pode contribuir com a qualidade da educação ofertada aos alunos.

Por isso, aborda-se a necessidade de um pensamento crítico sobre as vivências artísticas e científicas apresentadas pelos meios de comunicação, como também pelos materiais didáticos quanto aos seus impactos e consequências, procurando sempre recorrer a mais de uma fonte de informação, pois o que se é esperado é que o discente não tenha uma resposta única e objetiva aos problemas que se colocam em pauta, mas que possa equacionar e ter uma visão mais ampla do meio em que está inserido

O exercício da Arte é realizado para além de formas tradicionais, e o reconhecimento, reafirma as relações do currículo com a cultura, vinculados às atividades de produção de sentido e significado, para podermos legitimar as ações didático pedagógicas do ensino da Arte na contemporaneidade e seu legado para um futuro mais criativo.

Os resultados indicaram que o indivíduo em contato com a arte pode desenvolver-se progredindo cada vez mais o seu processo criativo pelos conteúdos desenvolvidos, valorizando a identidade e autonomia com a descoberta e certeza da capacidade criativa individual. A experiência pedagógica e o presente estudo nos levam a compreender que a arte é o alicerce de todo trabalho realizado pelo indivíduo e, cada vez mais, se faz importante para a sua identificação pessoal e no seu desenvolvimento em um processo constante e determinante em todas as suas atividades.

Contudo, se torna evidente a importância da compreensão sobre a relevância de se trabalhar a arte de modo interdisciplinar e dinâmico de desenvolver a compreensão do aluno para a apreciação de obras artísticas, para que compreenda, a partir da criticidade de sentidos no olhar artístico.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando A. G. de; ALVES, Flávia L.. **Ensino de Artes Visuais: histórias e memórias**. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 5-13, jan./abr. 2020.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. **A formação do professor de arte: do ensaio à encenação**. – Campinas, SP: Papyrus, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei no 10.172, 9 de janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 jan. 2001. Disponível em: <www.mec.gov.br>

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

CAMARGO, Josane Laura Machado de. **Contribuições da arte para o desenvolvimento do indivíduo: uma pesquisa bibliográfica**. 2018. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico)—Universidade de Brasília, Barretos-SP, 2018.

CARVALHO, Dirce Helena. **Os desafios da arte nos currículos das escolas de educação básica: Pertencimentos**. Revista Rascunhos, Uberlândia, v.4 n.2, p.33-45. Julho 2017.

CARVALHO, Rosiani. As tecnologias no cotidiano escolar: possibilidades de articular o trabalho pedagógico aos recursos tecnológicos. Portal Eletrônico da

Secretaria de Estado da Educação do Paraná [2009]. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>>. Acesso em: 26 mai. 2023.

CACHAPUZ, António F. Arte e ciência no ensino das ciências. Revista Interações, [S. l.], v. 10, n. 31, 2015. DOI: 10.25755/int.6372. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/6372>. Acesso em: 22 mai. 2023.

CONGRESSO IBEROAMERICANO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA: SENTIDOS TRANSIBÉRICOS. 22 a 24 de maio de 2008. Beja, Portugal.

DOMINGUES, Diana, A arte no século XXI, a humanização das tecnologias. São Paulo. Editora da UNESP, 1997.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994.

FORQUIN, Jean Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. Teoria e Educação, Porto Alegre, n. 5, 1992. p. 28-49.

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender Arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KRASILCHIK, M. **O ensino de ciências e a formação do cidadão**. Em Aberto, Brasília. ano 7, nº 40, out./dez. 1988.

Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Brasília: Senado Federal, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 07 jun. 2023.

LORENZ, K.M. (2008). **Ação de Instituições Estrangeiras e Nacionais no Desenvolvimento de Materiais Didáticos de Ciências no Brasil: 1960 - 1980**. Revista Educação em Questão, Natal, 31, 17, 7-23. Em: <http://www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br/pdfs/v31n17.pdf>.

MIGNONE, Francisco. Educação é cultura. MEC/FENAME. Editora Bloch. Vol 3, 1980.

OLIVEIRA, Graciana Maria dos Santos. **Ensino da arte no Brasil no século XIX XX XXI: breve trajetória**. Monografia (Especialização em Ensino de Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais. Campos Gerais, 2015, 27p.

PEDROSA, Gabriel F. S.; DIETZ, Karin G.. **A prática de ensino de arte e educação física no contexto da pandemia da COVID-19**. Boletim de conjuntura (BOCA). 2020, v. 2, nº 6, p. 103-112.

POLATE, Viviane Aparecida Tomaz. Inclusão digital nas escolas: caminhos possíveis para se (re)pensar o digital em rede na prática pedagógica. Revista Docência e Cibercultura, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 118-135, jun. 2018. ISSN 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/33478>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as Ciências e as Artes. São Paulo: Edipro, 2018. 80p.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria. Tempos de Capanema. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SILVA, Rubens Alves da. **Entre "artes" e "ciências": a noção de performance e drama no campo das ciências sociais**. Horizontes

Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 35-65, jul./dez. 2005.
<https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000200003>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ha/a/GLxbmtS4ZtKGQwHhSmPPxSH/?lang=pt>.
Acesso em: 22 mai. 2023.

SILVA-BATISTA, Inara Carolina da; MORAES, Renan Rangel. História do ensino de Ciências na Educação Básica no Brasil (do Império até os dias atuais). Revista Educação Pública, v. 19, nº 26, 22 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/26/historia-do-ensino-de-ciencias-na-educacao-basica-no-brasil-do-imperio-ate-os-dias-atuais>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SUBTIL, Maria José Dozza. A lei n. 5.692/71 e a obrigatoriedade da educação artística nas escolas: passados quarenta anos, prestando contas ao presente. Rev. Bras. Hist. Educ, Campinas , v. 12, n. 03, p. 125-151, dez. 2012 . Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-00942012000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 ago. 2023.

ZAMBONI, Silvio. **Pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 4 ed. rev. Campinas, SP: autores associados, 2022.